

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Lula tem o poder...

A aprovação do nome de Geraldo Alckmin (PSB) para compor a chapa com Lula esta semana deu aos petistas a certeza de que a ala contrária não dará trabalho na convenção.

... mas não a mordça

O maior receio hoje dentro do partido é a ala mais à esquerda fazer barulho e Alckmin acabar ouvindo algumas vaias. Mas não será algo capaz de comprometer o casamento.

E Moro caiu numa armadilha

Ao lançar o nome de Luciano Bivar como pré-candidato ao Planalto, o União Brasil faz o que uma parcela expressiva da legenda pretendia havia tempos: enterrar a pré-candidatura do ex-juiz Sergio Moro à Presidência da República. Agora, ou Moro será candidato a deputado federal ou só daqui a quatro anos é que entrará no jogo novamente.

Um "laranja" na conversa

O lançamento de Bivar é visto como uma operação para tentar evitar que o partido se divida desde já. Há quem diga que, nos estados, o União Brasil já tem acordos com várias agremiações que já têm candidatos a presidente. Para completar, até julho, tudo pode mudar.

E Eduardo no lusco-fusco

O fato de o ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite (PSDB) ter recusado o ingresso no PSD desorganizou a pré-campanha e o deixou sem lastro para desfilhar como uma opção. Leite não é hoje o nome do PSD nem dos demais. PSDB, União Brasil e MDB têm, cada um, seus representantes oficiais nessas conversas.

A economia, a gente vê depois



Enquanto o governo espera contar com este feriado de Semana Santa para ver se consegue dar uma "esfriada" nas notícias sobre as compras das Forças Armadas, CPI do MEC e, ainda, as denúncias que desgastam a imagem do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, a oposição caminhará para manter os assuntos acesos. O PDT de Ciro Gomes já ingressou na Justiça para derrubar o sigilo das reuniões de Bolsonaro com os pastores chamuscados nas denúncias de cobrança de propina para liberar recursos da educação, o PSB investirá nos gastos dos militares e o PT na Câmara seguirá na linha de colar o governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) a casos de corrupção e ligação com milicianos.

A aposta dos petistas é a de que é preciso colar agora as denúncias de corrupção no governo. Mais à frente, quando a campanha estiver mais quente, bater na tecla da economia sem trégua.

CURTIDAS



Vice nem pensar! Diante das especulações de que o ex-prefeito de São José dos Campos Felipe Ramuth (PSD) seria candidato a vice de Fernando Haddad (PT), o presidente do PSD já fez chegar aos petistas que essa chapa está fora de cogitação. Gilberto Kassab (foto) tem dito que Ramuth já recebeu convite de todas as legendas. E recusou.

A hora da vitrine! A hora é do PSD se apresentar com uma cara própria por todo o país. Daí, a ideia de lançar candidatos nos principais estados. São Paulo não pode ficar de fora.

Vale lembrar! O PT cresceu disputando eleições por todo o país, com cara e nome próprios. E Kassab, dizem seus aliados, está seguindo essa história.

Mudou para continuar na mesma! A contar pela chegada de José Mauro Ferreira Coelho à Petrobras, a interferência do governo na empresa não ocorrerá. A tendência é manter a receita de Silva e Luna, ou seja, os preços de mercado.

EDUCAÇÃO

Pastores: 35 vezes no Planalto

GSI recua de sigilo e divulga o registro com entrada e saída de religiosos suspeitos de pedirem propina a prefeitos

» RAPHAEL FELICE
» MICHELLE PORTELA

O governo federal desistiu de manter o sigilo de 100 anos sobre os dados de visitas dos pastores acusados de organizar um esquema de corrupção no Ministério da Educação (MEC), Arilton Moura e Gilmar Santos, ao Palácio do Planalto, após forte pressão de grupos políticos. O Gabinete de Segurança Institucional (GSI) confirmou, ontem à noite, a presença dos pastores lobistas dezenas de vezes no Palácio do Planalto.

Embora tenham 45 registros de entradas no Palácio do Planalto, na sede da Presidência da República, entre janeiro de 2019 e fevereiro de 2022, os registros representam 35 visitas, pois, em 10 ocasiões, ambos os pastores estiveram juntos no Planalto.

Os religiosos são suspeitos de cobrarem propinas em trocas de favores no MEC, como a liberação de recursos. Segundo o documento, há registros de 27 acessos do pastor Arilton ao Planalto em 2019, um em 2020, cinco em 2021 e dois em 2022. Ele esteve na Casa Civil, na Secretaria de Governo, no gabinete do vice-presidente da República, Hamilton Mourão, e no gabinete responsável pela agenda do presidente Jair Bolsonaro.

Na lista fornecida pela pasta chefiada pelo general Augusto Heleno, há também registros de 10 acessos a gabinetes por parte do pastor Gilmar dos Santos. Ele acompanhou Arilton Moura nessas ocasiões.

Os dados foram divulgados um dia após o próprio Palácio do Planalto dizer que não poderia fornecer as informações por motivos de segurança. Na quinta-feira, o governo recuou ao afirmar que a divulgação "é fruto de recente manifestação

da Controladoria-Geral da União quanto à necessidade de atender o interesse público".

"Algo obscuro"

A justificativa para imposição do sigilo trazida pelo Gabinete de Segurança Institucional, comandado pelo general Augusto Heleno, é de que a solicitação feita pelo jornal *O Globo* — com base na Lei de Acesso à Informação — não poderia ser atendida para preservar a segurança do presidente da República e seus familiares.

Ainda ontem, o PDT pediu a quebra da imposição do sigilo alegando que o presidente Jair Bolsonaro (PL) age para "embarçar as investigações".

"Com efeito, vislumbra-se que o presidente da República muito provavelmente age com o escopo de embarçar as investigações ou conferir especial proteção aos investigados, especialmente para que o produto das investigações não aporte nos recônditos impuros de onde exerce o poder e comanda toda sorte de práticas pouco republicanas. Sublinhe-se que, em um regime democrático, a publicidade é a regra, no que o sigilo é a exceção."

A legenda disse também que a decisão do Planalto de impedir o acesso aos registros esconderia "algo obscuro". "O sigilo revela a existência de algo obscuro, que está por trás da cena, e ostenta potencial para estontear os aspectos de normalidade e publicidade inerentes à condução dos assuntos de interesse coletivo", sustentou.

No Twitter, Bolsonaro foi questionado por um cidadão a respeito da imposição de sigilo, neste e em outros casos, ao que respondeu de forma irônica. "Em 100 anos saberá", escreveu, com um emoji do sinal de positivo.

Reprodução/Redes sociais



Ex-ministro Milton Ribeiro com os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura (ao fundo)

Visita no primeiro mês de governo

Os pastores Arilton Moura e Gilmar Santos estão no centro de um suposto escândalo de corrupção no Ministério da Educação (MEC) após o vazamento de áudio de uma reunião da pasta, onde o ex-ministro Milton Ribeiro — demitido após a crise — afirmou que uma das prioridades para empenho de verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) eram "todos os amigos do pastor Gilmar", por "um pedido especial do presidente da República".

Dias após a repercussão das gravações, divulgadas pela *Folha de S. Paulo*, Ribeiro disse haver erado ao citar o nome de Bolsonaro

e que o presidente não estaria envolvido. A Advocacia Geral da União (AGU), em defesa do chefe do Executivo, justificou a citação como um "erro de expressão".

Os religiosos controlavam a agenda e a liberação de verbas do Ministério da Educação durante a gestão de Milton Ribeiro. A dupla é suspeita de facilitar o acesso de prefeitos a verbas do MEC em troca de propina, inclusive em barra de ouro — no último dia 5, três dirigentes municipais confirmaram ter recebido pedidos de vantagem indevida numa audiência da Comissão de Educação do Senado.

Milton Ribeiro, que é pastor

da igreja Presbiteriana, renunciou ao cargo de ministro em 28 de março, após reportagens do *Estadão* revelarem pedidos de propina em barras de ouro e até por meio da impressão de Bíblias elaboradas por Gilmar Santos e Arilton Moura.

De acordo com a resposta do Planalto, ontem, Arilton Moura esteve no Planalto pela primeira vez em 16 de janeiro de 2019, no primeiro mês do governo, para um compromisso no GSI, chefiado pelo ministro Augusto Heleno. Já Gilmar, que é o líder da Assembleia de Deus Cristo para Todos, esteve no local pela primeira vez em 21 de fevereiro, para uma

» Tática recorrente

O governo Bolsonaro costuma utilizar os "100 anos de sigilo" para se esquivar de prestar informações em casos de polêmica ou de denúncia de corrupção. Em janeiro do ano passado, foi imposto segredo de um século sobre o cartão de vacinação do chefe do Executivo. Em julho de 2021, também foi imposto sigilo sobre os crachás de acesso ao Planalto emitidos em nome de Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ) e Eduardo Bolsonaro (PL-SP), filhos do presidente. Um mês antes, o Exército usou do mesmo artifício a respeito da participação do ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello em um ato político de apoio a Bolsonaro no Rio de Janeiro, quando era general da ativa, o que é proibido.

reunião na Casa Civil — à época, a pasta era comandada por Onyx Lorenzoni, hoje pré-candidato do PL ao governo do Rio Grande do Sul. O último registro de ambos no Palácio foi em 16 de fevereiro deste ano, na Casa Civil, já sob o comando de Ciro Nogueira (Progressistas).

Mesmo sem qualquer vínculo com o Ministério da Educação ou outro órgão público, Arilton Moura e Gilmar Santos costumavam participar de encontros de autoridades do MEC com prefeitos de todo o Brasil — tanto na sede do ministério, em Brasília, quanto em cidades do interior do país. (RF com Agência Estado)